

I. Introdução: Passaram-se, num zás, os trinta anos de vida do INEP!

Leopoldo Amado¹

Foram, na realidade, trinta anos de luta, de sacrifício, de trabalho tenaz e até de momentos áureos e de júbilo, que quase roçaram a crista da onda. Então – e é escusado dizê-lo –, os ex-diretores e os investigadores da instituição catapultaram-se para a ribalta do mundo da Ciência e do não menos complexo processo de produção de conhecimentos, extravasando assim o INEP os limites territoriais da Guiné-Bissau, da África e, quiçá, do próprio mundo, bem como o prestígio inerente aos seus investigadores de referência.

Sobrevieram então, nesta época, as diversas publicações, da Revista “Soronda” à coleção “Kacu Martel”, todas de inquestionável qualidade científica e que, por isso mesmo, alimentaram com gáudio a curiosidade da comunidade científica e não só, então sedenta de perscrutar as linhas de força conceituais que enformam o chamado conhecimento endógeno e a investigação científica em prol do e para o desenvolvimento, produzidos estes a partir de uma realidade geográfica emergente da luta de libertação nacional, como é o nosso caso.

Infelizmente, tiveram lugar ulteriormente algumas transformações paradigmáticas que ocasionaram algum desfalecimento, alguma deterioração generalizada, repousando-se quiçá, nestes últimos, a estranha sensação da existência de um atroz e irreversível plano inclinado que se assoberbou do INEP e onde pontuam, até mesmo nos dias vertentes, a depressão institucional própria de entidades que insistem em evocar a grandeza do seu passado quase epopeico, mesmo quando esse passado, curiosamente, persiste em insuflar no presente essoutra contracorrente da glória idílica que se procura, com o seu contraste matizado pelos ares da incerteza em relação ao futuro.

¹ Doutorado em História, Professor Universitário, atualmente Diretor Geral do INEP, email: leopoldo.amado@gmail.com.

Ora, entre a geração inepiana de glória – chamemo-la assim, aliás, a justo título – e a nova geração de inepianos que agora se desponta, independentemente das mundivisões próprias que subjazem ao ideário de uma e outra geração, une-as a convicção por que todos anseiam, assente esta na mística reiterada de tornar a outorgar à ciência e aos meandros da produção de conhecimentos o lugar devido que outrora tiveram na Guiné-Bissau, seja pela via da reabilitação e relançamento do INEP, seja pela via da reconstrução da trama de cumplicidades e solidariedades que, no passado, tornaram atingíveis o sonho e a realidade de um INEP de glória, aliás, o mesmo que também o tornará, certamente, num INEP imorredouro e performante.

Por outras palavras, dir-se-ia que de per si as comemorações mais do que se justificam, não apenas pela existência desta espécie de corrente férrea de convicções que atravessou diferentes gerações de inepianos – e que apontam para as virtuosidades da ciência e da investigação científica como antídotos da gradativa degeneração e desnorte coletivo –, mas igualmente porque existiu e existe uma espécie de recusa consentida, também geracionalmente transversal, tácita e explicitamente, de interiorização da ideia de um “fim da História” do INEP.

Efetivamente, destaca-se, nestas comemorações, a necessidade redobrada de estabelecimento e adensamento de indestrutíveis elos de articulação entre as antigas e as novas gerações de inepianos, mas igualmente a do imperativo de reequacionamento e adaptação do INEP aos novos tempos e desafios, em ordem a potenciar os esforços de relançamento e reabilitação da instituição por um lado e, por outro, a assegurar-se que o INEP, como a única ou quase única instituição depositária da memória e da História nacional, possa cabalmente ir cumprindo com a sua missão de sempre: ser e encontrar-se permanentemente na vanguarda do conhecimento.

É exatamente isso que subjaz às ações e atividades comemorativas projetadas, designadamente um Simpósio Internacional, destinado à reflexão sobre o INEP (tanto na perspectiva institucional como epistemológica), uma Feira do Livro (com propósitos de promoção de hábitos de leitura entre os jovens), os Encontros Intergeracionais (que

pretendem assinalar, a justo título, a passagem de testemunho a uma nova geração de inepianos, mas igualmente a intenção deliberada de proporcionar espaços de intercâmbio de ideários através de um confronto construtivo de mundivisões entre as gerações, mormente, através de um Ciclo de Conferências (que mais não pretende senão reconferir ao INEP, em prol do país, o estatuto de espaço privilegiado para o livre exercício da reflexão e da ciência), uma Jornada de Homenagem aos inepianos (com objetivos claros de potenciação da qualidade, do mérito e da excelência e, finalmente, a presente Edição Especial comemorativa da Revista “Soronda”, com a publicação de depoimentos e testemunhos de diferentes atores (ex-investigadores, ex-diretores, amigos do INEP, destacadas personalidades da sociedade guineense e da comunidade científica africana e mundial.

Oxalá possam estas atividades comemorativas servir para, de alguma maneira, despertar consciências, restabelecer elos de cumplicidade e solidariedade, aliás, sumamente indispensáveis ao exercício da ciência e da investigação científica, potenciando-se assim, por esta via, o potencial contributivo capaz de desenhar novas abordagens e perspectivas de intervenção, novas linhas de pesquisa, novas redes de pesquisa, tanto no plano nacional como no internacional, guindando tudo isso, cumulativamente, para uma realidade em que a investigação científica deva e possa emergir como a primeira condição para o desenvolvimento, retomando o papel devido que lhe cabe.